
COLECIONADOR DE MINÚCIAS: A HISTÓRIA DO CEARÁ NO ARQUIVO PRIVADO DE GUILHERME STUDART

PAULA VIRGINIA PINHEIRO BATISTA
DOUTORANDA EM HISTÓRIA SOCIAL – UFC
paulavir@ig.com.br

Em julho de 2005, o Instituto do Ceará começou a desempacotar a famigerada “Coleção Studart”, alardeada pelo próprio Barão de Studart ainda em vida e comentada por inúmeros historiadores. Ao promover a catalogação do arquivo particular do médico cearense Guilherme Studart, a instituição permite a abertura desse acervo ao público. O acervo é composto de dois subfundos: o primeiro corresponde ao arquivo epistolar do médico, tendo aproximadamente 4.787 missivas organizadas em 18 volumes encadernados; o segundo corresponde à documentação coligida por ele sobre a História do Ceará, dividido em 38 volumes, composto por diversos documentos como, por exemplo, a correspondência de capitães-mores, cartas-patentes, relatórios de presidentes de província, estatutos de diversas instituições, processos jurídicos, fotografias, recortes de jornais, boletins, folhetos, revistas, etc.

Esses velhos papéis, preservados pela Coleção Studart, são objetos despidos de sua utilidade e postos em uma ordem escolhida pelo colecionador, que explorou, catalogou e preservou diversos documentos pessoais e sobre a História do Ceará. Assim analisar a Coleção Studart permite ao observador viajar dentro da mente que a criou e compreender sua construção e significado para seu criador.

A coleção se aproxima daquilo que é cogitado para um arquivo público, cuja função é recolher, preservar e divulgar documentos de valor histórico, combinando documentos de instituições públicas e privadas e tudo que é passível ser conhecido sobre a História do Ceará, segundo a concepção de Guilherme Studart. Esse documentarista foi à Torre do Tombo, em Lisboa, remexeu arquivos na Espanha, na Biblioteca de S. Genoveva em Paris, enfim viajou e pesquisou em diversos arquivos nacionais e estrangeiros.

Contudo, o acervo privado do historiador se sobressai nessa coletânea, posto que as correspondências pessoais e institucionais, misturadas a “documentos históricos”, deixam vislumbrar as práticas culturais, os modos de fazer e usar a cultura letrada, ou seja, os modos de produção, circulação, impressão e recepção do livro e da leitura no Ceará a partir da “rede de intercâmbio” que envolvia Guilherme Studart e inúmeros sujeitos ligados a cultura letrada de alguma forma como intelectuais, médicos, advogados, professores, estudantes, etc.

Guilherme Chambley Studart, cearense dedicado ao estudo de vários campos do saber, dentre eles a Medicina, a Geografia, a gramática inglesa e a História, participou de mais de cinquenta entidades arroladas pelo próprio escritor em sua biografia publicada no *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. Sua atuação nessas instituições gerou uma grande parte das correspondências da Coleção. São cartas enviadas pelos institutos históricos; conselhos da Sociedade São Vicente de Paula; academias de letras; gabinetes de leitura; associações médicas; sociedades de geografia, enfim, de diversas associações das quais Guilherme era membro, diretor, presidente ou até mesmo fundador. Studart circulava por essas associações e tinha influência nelas. Assim, usava esses espaços para difundir sua obra e aumentar sua aquisição de documentos para a Coleção Studart.

Essas epístolas nos apresentam também um mundo de práticas culturais, permitindo-nos perambular pela cidade de Fortaleza a partir dos convites e comentários acerca de festas, recreações, solenidades; mas também observar o cotidiano do mercado editorial da cidade a partir dos relatos sobre as tipografias, livrarias e jornais. Além de peregrinar nessas associações, podemos ainda “ouvir” os discursos proferidos em prol da difusão das letras na sociedade cearense. Enfim, adentrar a Coleção Studart é, de certa forma, adentrar o “pequeno mundo dos intelectuais” cearenses no período de transição do século XIX para o século XX, especificamente entre os anos de 1878 e 1938.

Colecionar pode ser um *hobby*, uma carreira, uma paixão ou até mesmo uma obsessão. Guilherme Studart era apaixonado pela sua coleção, colecionava papéis, como cartas institucionais, pessoais e familiares, panfletos, folhetos, boletins, recortes de jornais, programas de congressos, estatutos, fotografias, cartões postais e documentos sobre a História do Ceará.

Um dos mais notáveis nomes da historiografia cearense, médico, vice-cônsul da Inglaterra no Ceará e presidente perpétuo do Instituto do Ceará, Guilherme Studart era um pesquisador e colecionador incansável. O resultado de suas buscas a documentos históricos em diversos arquivos foi preservado num grande acervo denominado pelo próprio escritor de “Coleção Studart”. Contudo, esse acervo não recebeu até hoje estudos aprofundados sobre sua constituição e preservação, como afirma Frederico de Castro Neves:

Os historiadores do século XIX, entre os quais Guilherme Studart, caíram em campo à procura de documentos sobre o Brasil e sobre o Ceará, preservando-os, catalogando-os e divulgando-os, constituindo um imenso acervo que ainda está por ser devidamente interrogado e analisado e que, infelizmente, boa parte perdeu-se nos meandros da incúria de uma política governamental de preservação. (NEVES, 2001)

Esse imenso acervo documental não foi preservado de forma integral, uma vez que essa coleção particular passou anos “desaparecida”, sendo localizada e reorganizada pelo Instituto do Ceará na década de 1950. Raimundo Girão, em seu artigo *O Barão de Studart e a Historiografia Cearense*, relata como encontrou o material deixado pelo Barão em sua antiga residência:

Com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafuá da casa em que morava o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe. Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irrecomponíveis. (...) Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acervo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador. O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encadenações e convenientemente preservadas.¹

Dessas miscelâneas restam ainda 56 cadernos de documentos que estão depositados no Instituto do Ceará. Essa coleção ressurgiu estimulando indagações aos historiadores e trazendo novas discussões sobre o legado de Studart na prática historiográfica cearense. Diante disso, esse pesquisa tenciona enfatizar o acervo epistolar de Guilherme Studart, que corresponde a 18 desses cadernos, e usar também outros documentos que fazem referências a História do Livro e da Leitura no Ceará.

Torna-se imprescindível analisar essa Coleção e pensar sobre as razões de sua concepção e preservação, ressaltando a importância do seu colecionador para os estudos históricos no Ceará, posto que ele publicou obras de vulto, aclamadas como obras de referência para qualquer historiador cearense, e esteve durante cinquenta anos dirigindo a publicação da *Revista do Instituto do Ceará*. Além disso, criou sua própria tipografia para publicar seus textos. Ao reunir esses papéis em uma coleção, Studart nos permite vislumbrar o mercado editorial da época a partir da produção, impressão, circulação e recepção desses textos no universo letrado cearense.

A presente pesquisa visa apreender um pouco mais sobre a história do livro e da leitura no Ceará, tendo como foco a cidade de Fortaleza, e usando a Coleção de documentos e correspondências de Guilherme Studart. Esse médico se dedicou ao estudo e à pesquisa da História, da Geografia, da Gramática, dentre outros campos, estabelecendo diversos círculos de convivência intelectual e usando a correspondência como espaço de discussão dos seus trabalhos. Nesse mesmo espaço, além de relatar suas práticas de pesquisa e leitura, traça representações de si e do outro, posto que catalisou ao seu redor um seleto grupo de homens

dedicados ao estudo da ciência, tais como: Capistrano de Abreu, John Casper Branner, Clovis Bevilaqua, Eusébio de Souza, Max Fleiuss, Paulino Nogueira, entre outros.

Assim, pensar na história da cultura letrada e escrita no Ceará, considerando a correspondência pessoal de um autor fundamental para a historiografia cearense como Guilherme Studart, entrevendo suas leituras e práticas de escrita, nos permite novas interpretações e reflexões a partir dos registros de experiências pessoais e profissionais desse médico e pesquisador, além de nos possibilitar analisar as formas de produção e representação dos discursos e práticas historiográficas no período de transição do século XIX para o século XX no Ceará.

Em meados do século XIX, começa a desabrochar um crescente interesse pelo valor histórico dos arquivos e os documentos ganham o status de testemunhos da História. Buscando essas “testemunhas”, Guilherme Studart iniciou seu longo e árduo trajeto para pesquisar, identificar, coletar, publicar e guardar o maior número de fontes e documentos para os historiadores preocupados com o passado do Ceará. Assim nasceu a Coleção Studart. Para Eduardo Lúcio Amaral, a Coleção é

O mais precioso levantamento sobre o Ceará já realizado. Completo para a finalidade a que se destina, foi construído em anos de pesquisa desinteressada em vários arquivos nacionais ou estrangeiros. Demandou tempo considerável em cópias, em confrontações, em contraprovas que autorizassem a veracidade do objeto. (AMARAL, 2002, p. 38)

Realizar esse levantamento de fontes sobre sua terra natal era o plano para a História do Ceará traçado por Guilherme Studart e apresentado ao público no primeiro volume da obra *Datas e Fatos para a História do Ceará*:

A certas datas ajuntei os respectivos documentos, ora para corroborar afirmações minhas, ora para consignar costumes e usanças, ora para firmar datas memoráveis do nosso passado. Praticando assim obedeci a um plano, que me tracei há muito – o de ir ajuntando materiais para o futuro historiador do Ceará. (STUDART, 2001, Duas Palavras)

Guilherme Studart atingiu seu objetivo ao reunir milhares de documentos sobre a História do Ceará, entretanto, ante a Coleção Studart, percebemos que seu criador foi além do seu plano inicial e ajuntou também a esse arquivo documentos pessoais, panfletos, recortes de jornais, fotografias, revistas, enfim acumulou uma grandeza documental cujo tamanho exato não é passível de definição. Contudo, podemos perceber sua dimensão perante aquilo que se

preservou desse arquivo, ou seja, um corpus de cerca de 16.000 documentos entre manuscritos, imagens, impressos, cartas e outros.

Studart realizou várias viagens aos arquivos do exterior para coletar documentos sobre o Ceará, como relata Raimundo Girão: “além das realizadas em 1884 e 1892-93, esteve ele novamente na Europa, com objetivos culturais, em 1904, 1911 e 1914, surpreendido por ocasião desta última com o arrebentar da primeira Guerra Mundial”.² Os anos mais ricos de sua experiência de pesquisa e que lhe renderam boa parte da Coleção foram aqueles entre 1892 e 1893.

Além das viagens onde coletava documentos, Guilherme contava com a ajuda de amigos para realizar essa tarefa e aumentar seu acervo particular, como podemos observar no caso de uma doação feita pelo historiador Capistrano de Abreu à Coleção Studart de um manuscrito sobre a Missão dos Capuchinhos no Rio São Francisco:

Deixei em São Paulo a proposta para a compra de um manuscrito, que espero oferecer para tua coleção, paguei-o antecipadamente, sem arrebentar as finanças. Trata-se de uma inspeção feita às missões do S. Francisco, em 1760, pelo teu protegido Jerônimo Mendes Paz. A escrita é atrapalhada e apenas percorri ligeiramente as páginas. Aceitarão a proposta?³

A proposta da compra do manuscrito foi aceita. Ele está depositado na Coleção Studart,⁴ assinado com uma dedicatória de Capistrano de Abreu. Alguns anos antes, Studart havia pedido ao amigo historiador que aumentasse a sua coleção particular:

Como vê, apesar de ser eu um dos particulares que possuem uma bonita coleção, ainda não é ela cousa que avulte. Você bem poderia supri-lhe as lacunas, aumentá-la na preciosidade, ministrando-me indicações ou notícia das fontes a que eu possa socorrer-me. Mande, pois copiar para mim tudo o que houver nos arquivos daí sobre o Ceará desde 1600 a 1650.⁵

Essa troca de documentos era uma prática usual entre os correspondentes de Studart, posto que na sua correspondência encontramos rastros dessa rede de intercâmbios, na qual circulavam fontes, livros, manuscritos, etc. Em carta a Guilherme Studart, Frederico Lisboa deixa transparecer uma dessas permutas:

Creia que não pequena foi a satisfação que tive em promover o oferecimento de alguns documentos, que podem ser de utilidade à confecção da história do Ceará. (...) Á esta acompanham dois números do “jornal de notícias”. Recebi as folhas cearenses que foram bastante generosas.⁶

Teixeira de Melo, chefe da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, também escreve para Guilherme Studart relatando uma dessas trocas: “em resposta a vossa estimada

carta de 24 do passado envio-vos o vol. XVI dos Anais, q falta a vossa coleção. O XVIII está no prelo. (...) Recebi e agradeço-vos pela Biblioteca, os 2 mapas do Ceará que nos remetestes”.⁷ Nesses intercâmbios, podemos vislumbrar a dimensão do acervo privado de Studart e do modo como vai adquirindo-o e se inserindo no meio intelectual, principalmente por causa da coleção de documentos que possuía.

Entretanto, seu acervo também foi constituído por práticas “inadequadas”, posto que alguns historiadores acusam Guilherme Studart de comprar documentos originais em arquivos estrangeiros.⁸ O historiador português João Lúcio de Azevedo relata um caso suspeito envolvendo o médico cearense:

Studart mandou-me o 4º vol. de “Documentos para a História do Brasil”. (...). Novidade para mim foi o documento nº 267 – que é a célebre representação ou capítulos de Jorge de Sampaio contra os jesuítas, de balde por mim procurada no Arquivo Ultramarino. O silêncio de Studart sobre a procedência leva-me à suspeita de que pertenceria ao número dos documentos subtraídos em seu benefício quando esteve aqui. O sistema é cômodo e talvez barato para quem o emprega, mas priva o documento daquela autoridade que possui quando qualquer puder verificar-lhe o teor.⁹

No fim do século XIX, com a crítica documental, surge a necessidade de defender a divulgação dos documentos originais como uma maneira de projetar o estandarte da “verdade histórica”, idéia tão cara às correntes historiográficas desse século. Diante da suspeita do procedimento de Studart, Capistrano foi bastante enfático com o amigo cearense sobre a necessidade de informar a procedência dos documentos:

Por que não dás a procedência dos documentos que publicas? (...) por que motivo, portanto, te insurges contra uma obrigação a que se sujeitam todos os historiadores, principalmente desde que, com os estudos arquivais, com a criação da crítica histórica, com a crítica das fontes, criada por Leopoldo von Ranke, na Alemanha, foi renovada a fisionomia da História?¹⁰

Como vimos, a procedência do acervo de Studart e o modo como o adquiriu é bastante diversa. Contudo, o intrigante nessa diversidade documental é pensar sobre sua constituição e perceber como essa coleção permitiu trocas simbólicas de Guilherme Studart no meio intelectual da sua época, dando certa legitimidade e autoridade ao seu criador, como percebemos nas epístolas trocadas entre ele e vários intelectuais dos mais diversos campos do saber.

Nas correspondências, há inúmeras referências a artigos enviados a Guilherme Studart com pedidos para serem publicados em algumas das revistas organizadas pelo médico, seja na *Revista do Instituto do Ceará*, na *Revista da Academia Cearense*, na *Revista do Conselho*

Central Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paula, na *Quinzena*, ou em jornais e boletins. Autores como Eusébio de Souza, Clovis Bevilacqua, Benedito dos Santos, Pe. Galanti, dentre outros, enviam seus trabalhos inéditos e relatam as dificuldades de publicação no mercado editorial cearense. Em carta ao Barão de Studart, Augusto Rocha informa o envio de seu artigo sobre a família Barbosa e pede para o destinatário dar a sua opinião quanto ao seu valor para a História, e acrescenta que se o destinatário achar digno publique o texto em alguma Revista que se dedica aos estudos do Ceará.¹¹

Studart tinha o domínio de espaços de publicação e dos suportes para imprimi-los, como podemos constatar com a criação da Tipografia Studart, surgida a partir da necessidade de publicar os trabalhos de seu criador. Sua autoridade nesse campo era tanta que Tibúrcio de Oliveira chega a pedir-lhe papel para imprimir seu jornal: “estamos sem papel para publicar o nosso Ceará!!! Da sua reserva não nos poderá ceder algum, para desembaraçar-nos? Não faz mal que seja ao formato menor”¹².

Guilherme Studart buscava o reconhecimento intelectual dos seus pares, por isso publicava obras, enviava livros de presente a amigos, doava dinheiro para publicações, enfim o “círculo de convivência” em torno do médico gerava trocas culturais, seja de livros, favores, documentos, de tal modo que diante do seu constante trabalho de publicação seja de livros, revistas, jornais e/ou documentos, Studart contribuiu para “desvendar” e “difundir” cada vez mais a História do Ceará.

Guilherme Studart se preocupou durante toda a vida em guardar registros de sua trajetória, fato evidenciado pelo número de documentos de seu arquivo pessoal. Esses documentos foram preservados pelo médico numa Coleção Particular, assim, o primeiro passo é considerar as escolhas do mesmo e pensar naquilo que foi armazenado e o que foi descartado do arquivo.

Enfatizamos nessa pesquisa o acervo epistolar, composto pela correspondência passiva de Guilherme Studart, ressaltando que o corte temporal desse trabalho segue o período das cartas que se concentra entre os anos de 1878 a 1938, contudo dentro desse conjunto há um “meta-arquivo”, ou seja, correspondências ativas, respostas escritas no verso das cartas recebidas, comentários, rabiscos, enfim rastros do diálogo estabelecido entre Studart e sua “rede de sociabilidade”.

A análise da correspondência requer uma leitura criteriosa desses documentos, considerando diversos aspectos como “o conteúdo das cartas, as condições de sua redação e leitura, as circunstâncias das trocas, sua conformidade (ou não) com as convenções”.¹³ Dessa

forma, teremos acesso a alguns vestígios da vida cotidiana de sujeitos históricos que registraram um pouco das suas experiências nessas epístolas.

As cartas são produzidas por um autor(a) inserido no seu tempo e no seu espaço social. Esse se utiliza de um objeto da cultura material de sua época (a correspondência) para comunicar-se com o outro. Mas não podemos considerar essas cartas como formas “naturalizadas” e “espontâneas” de expressão, já que são regidas por normas sociais.

Aquilo que o autor comunica em carta pode ser um discurso testemunhal dos acontecimentos, no entanto bastante fragmentado e incompleto, já que sofre interferências dos indivíduos e do coletivo. Considerando esses fragmentos é que traçamos a metodologia para o trabalho com correspondência: partiremos de uma análise quantitativa, ressaltando que utilizamos 4.787 cartas da correspondência passiva de Guilherme Studart. Embora sejam cartas enviadas ao médico, muitas delas possuem rabiscos e respostas escritas do próprio punho do colecionador.

Partindo do mote do mercado editorial no Ceará, realizamos uma divisão temática das cartas, como uma forma de dinamizar a pesquisa, apresentada nos seguintes tópicos: 1º História do livro e da leitura; 2º Instituições de saber e Filantropia; 3º Ofícios; 4º História do Ceará; 5º O Barão e a cidade de Fortaleza.

Dessa divisão inicial faremos um apanhado detalhado do conteúdo, procurando esboçar um histórico das temáticas no período da troca epistolar e comparando com a trajetória do missivista, que posição ocupava naquele momento, que tipos de pesquisa estava realizando, etc. Além disso, pesquisaremos se esses mesmos temas estão presentes em outros suportes, como livros e artigos desse escritor cearense, procurando identificar similaridades ou contradições das mesmas idéias em diferentes suportes.

A partir da construção tipológica dessas cartas e da identificação dos missivistas, passaremos a mapear os interesses pessoais e profissionais mencionados nas cartas e a analisar a dimensão subjetiva dos diálogos traçados nas mesmas.

Diante desse aparente caráter incompleto da correspondência, tentaremos costurar os retalhos e reconstruir parte dos vínculos de sociabilidade que foram estabelecidos entre Guilherme Studart e seu círculo de convivência, presentes no “pacto epistolar”¹⁴ que eles instituíram ao receber, ler, responder e guardar cartas. Segundo Gomes, a escrita epistolar é um espaço preferencial para a construção de vínculos que possibilitam a conquista de posições sociais, profissionais e afetivas.

Diante dessas fontes, buscaremos traçar os itinerários de leitura percorridos pelo missivista Guilherme Studart. Além disso, procuraremos também investigar as práticas e os usos sociais das idéias que são apropriadas e dos significados produzidos a partir dos registros das leituras feitas, posto que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e normas compartilhados numa sociedade.

Os textos são lidos de formas diferentes, em espaços coletivos ou solitários. O leitor Guilherme Studart tinha hábitos de leitura bastante comuns, como consultar obras em bibliotecas públicas¹⁵. A partir desses usos da leitura, procuraremos compreender esses hábitos particulares e traçar um paralelo com outros intelectuais do período.

Os correspondentes de Guilherme Studart (institucionais ou individuais) trocam livros, pedem sugestões e revisões de artigos, solicitam publicações nos veículos sob a direção de Studart, comentam sobre suas leituras, venda e recepção de suas obras e notícias publicadas em jornais sobre seus trabalhos.

Através desse convívio epistolar, objetivamos recuperar práticas de sociabilidade, como participações em congressos, exposições, solenidades. Além disso, analisar o modo como os missivistas de atuações profissionais diversas como médicos, advogados, poetas e etc. usam esse espaço privado para se inserirem no universo cultural cearense.

Na correspondência – uma escrita de si para o outro – percebemos que os sujeitos produzem representações de si e constroem significados do mundo em que vivem. Pensando nisso, tencionamos identificar as representações que Guilherme Studart constrói sobre si e sobre a Coleção Studart, tendo como norte sua prática epistolar. Para isso, consideramos que a correspondência seja um espaço social propício para a construção de redes e vínculos de amizades, não somente com aquele a quem se escreve, mas também com o tempo e o lugar em que se insere.

¹ GIRÃO, 1956, p. 26.

² GIRÃO, 1956, p. 33.

³ Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 5 de dezembro de 1916. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 184.

⁴ O manuscrito está localizado no subfundo “Documentos”, caderno 11, tendo sido adquirido na Biblioteca de Eduardo Prado. Acervo do Instituto do Ceará (Coleção Studart).

⁵ Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu datada de 24 de agosto de 1893. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 149.

⁶ Carta de Frederico Lisboa a Guilherme Studart datada de 4 de setembro de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará (Coleção Studart).

-
- ⁷ Carta de Teixeira de Melo para Guilherme Studart datada de 7 de abril de 1896 - Acervo do Instituto do Ceará (Coleção Studart).
- ⁸ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 26 de abril de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 156.
- ⁹ Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 31 de outubro de 1921 – Acervo do Instituto do Ceará.
- ¹⁰ Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 20 de abril de 1904. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 165-166.
- ¹¹ Carta de Augusto Rocha para Guilherme Studart datada de 01 de maio de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará (Coleção Studart).
- ¹² Carta de Tibúrcio de Oliveira para Guilherme Studart datada de 19 de agosto de 1896 – Acervo do Instituto do Ceará (Coleção Studart).
- ¹³ DAUPHIN, 2002, p. 67.
- ¹⁴ Sobre o termo “pacto epistolar” ver a introdução de GOMES, 2004.
- ¹⁵ No livro de consulentes de 1878 a 1887 da Biblioteca Provincial do Ceará, depositado na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, há registros das consultas feitas por Guilherme Studart quando ainda era estudante.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 1,2, 3. Ed. Org. e prefaciada por José Honório Rodrigues, 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Barão de Studart: memória da distinção*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

_____. *Correspondência cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2003.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). *Destinos das letras: história e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, p. 75-87, 2002.

GIRÃO, Raimundo. O Barão de Studart e a Historiografia Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. T. especial. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, p. 17-35, 1955.

GOMES, Ângela de Castro. (org.). Introdução. In: *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NEVES, Frederico de Castro. A História das datas e dos fatos. In: STUDART, Guilherme. *Datas e Fatos para a História do Ceará*, v. 1, 2, 3. Edição Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).